

Relações Internacionais e Conjuntura: *Is this The New Abnormal?*

International Relations and Conjuncture: Is this The New Abnormal?

Apresentação do Dossiê

Lucas Silva Amorim ⁶

Adriana Elisa Bozzetto ⁷

Deninson Alessandro Fernandes Aguirre ⁸

Ao lançar *The New Abnormal* num comício do pré-candidato democrata à presidência e senador Bernie Sanders, a banda *The Strokes* já anunciava que aquele seria um álbum com forte conotações políticas (BLOOM, 2020). A provocação no título evoca as preocupações e angústias de grande parte de seu público alvo, majoritariamente jovens adultos: por onde anda a *normalidade* nos cenários político, social, econômico e até mesmo mais recentemente sanitário?

Quando Fukuyama (1989), de forma otimista, declarou que o fim da história havia chegado e que o modelo de democracia liberal iria se revelar em como modelo único e inexorável, inspirou um tradicionalismo centrado em uma frágil crença de triunfo e universalismo ocidentais. Agora, transmite o gosto amargo de um tempo perdido onde ainda era viável a crença na concepção hegeliana de que o progresso histórico era um processo dado e inevitável. Em vista dos fatos mais

⁶ Mestrando em Ciência Política e Relações Internacionais na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisador bolsista do INCT-INEU, com apoio CAPES. Membro do Comitê Editorial da Revista FENERI.

⁷ Possui graduação em Relações Internacionais na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), bolsista da CAPES em período sanduíche na Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique. Membro do Comitê Editorial da Revista FENERI.

⁸ Mestre em História e graduado em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), pesquisador do Grupo de Estudos da América Latina (GEAL). Secretário de extensão da FENERI e Membro do Comitê Editorial da Revista FENERI.



recentes essa crença parece insustentável. Desde a ascensão de governantes de extrema-direita em diversos países, até a emergência sanitária global causada pelo SARS-CoV-2, passando pela crise nas instituições multilaterais e os ataques à ciência e ao próprio conceito de verdade, acompanhar as notícias se torna um exercício de resiliência psicológica. A nostalgia por um tempo normal, que precedia essa turbulência imprevisível pela qual passamos, parece quase inevitável.

A ânsia pelo normal pode ter gerado inúmeras sequelas no indivíduo e na sociedade como um todo, como o acentuamento de quadros de depressão, estresse e aumento da violência doméstica, por exemplo. E sair de uma rotina que há muito era considerada o padrão de um modo de vida gera um enorme desconforto.

Sem dúvida alguma a pandemia gerou não apenas uma nova forma de viver (ou conviver) com o vírus e o meio ao qual nos encontramos, mas também gerou um choque de realidades por todo o globo. Choque que veio a se desdobrar de forma desastrosa nos círculos sociais, políticos, econômicos, regionais. A pequena família que com cujo trabalho informal tinham que sair para buscar o sustento para os filhos se viram frente a um novo cenário no qual não poderiam trabalhar e com isso não conseguem renda financeira para o sustento. O micro e pequeno empreendedor que de forma direta e/ou indireta sustentavam famílias por meio de seus serviços se encontram frente a uma situação que os impossibilitam de trabalhar. Soma-se a isso as escolas, colégios, faculdades que, buscando evitar contágios, passaram a realizar aulas a distância; multiplicando sobre os pais e professores o peso das novas medidas adotadas. Neste último caso, como bem aponta o filósofo italiano Giorgio Agamben, é “o fim do estudantado como forma de vida” (2020). O autor não vê com bons olhos essa transformação das aulas presenciais para virtuais; fazendo referência de forma saudosa aos contatos entre alunos, professores e academias.

Mas a visão de Agamben frente a este novo cenário vai na contramão da visão de muitos pensadores e pares da área. O filósofo busca articular a discussão sobre as medidas políticas e públicas que estão sendo impostas à sociedade mundial. A visão dele, para o momento, perpassa a fronteira das inúmeras possibilidades, pois como Agamben aponta “a soleira que separa a humanidade da barbárie foi ultrapassada” (2020). Se o temor é o vírus e o amanhã, talvez este

cenário esteja criando bases comportamentais pelas quais , muito provavelmente, será difícil de retornar à forma como se era. Como o autor aborda:

[...] as mesmas autoridades que decretaram a emergência não cessam de nos lembrar que, quando a emergência tiver sido superada, teremos que continuar observando as mesmas diretrizes, e que o “distanciamento social”, como foi chamado com um eufemismo significativo, será o novo princípio organizacional da sociedade. E, em todo caso, o que nós aceitamos sofrer, de boa ou má-fé, não poderá ser apagado (AGAMBEN, 2020, online).

Diante de inúmeros “novos normais”, o mundo teve que aprender a lidar com outros vírus que também se encontram no patamar hierárquico de pandemia/epidemia. Analisando o século XX (para não termos que nos alongar em uma história das pandemias), observemos algumas das doenças que afetaram (e ainda afetam) a atual sociedade global; H1N1, AIDS, H2N2, Gripe Suína, Ebola. Já no século XXI - além de todas as bagagens epidêmicas acumuladas do(s) século(s) passado(s) que ainda convivemos - enfrentamos pandemias como a SARS-CoV, Zika, SARS-Cov 2 (Coronavírus/COVID-19).

A maior parte dos vírus aqui apresentados já possuem vacinas ou medicamentos paliativos que ajudam a combatê-los. No entanto o dilema central permanece em como saber enfrentar, conviver ou se adaptar com o desconhecido. Essa incerteza, por sua vez, acarreta outros “vilões” que a sociedade globalizada tem que aprender a discernir. Como observa Žižek, a “propagação da epidemia do Coronavírus, desencadeou, por sua vez, vastas epidemias de vírus ideológicos que ficaram adormecidos em nossas sociedades: falsas notícias, teorias de conspiração paranoicas, explosões de racismo, etc.” (ŽIŽEK, 2020, p.43). O filósofo também não perde a esperança de que este cenário possa criar condições para uma sociedade mais “solidária” e “cooperativa”. Quanto a isto, futuramente poderemos analisar as transformações sociais e culturais que a pandemia ocasionou.

O novo normal (anormal) originado pela mais nova pandemia, não apenas escancarou muitas das crises dos hospitais públicos e postos de saúde, como a falta de médicos, mau atendimento, descaso, falta de materiais básicos de saúde, falta de salas de UTIs; como também vem tratando de reformular o convívio e o trabalho que, para os que tiveram mais sorte, é na



modalidade *home office*. Também está despertando novas formas de controle da sociedade, além de um reordenamentos sistemático geopolítico do cenário internacional.

Conforme salienta Marina Garcés:

O que a crise da COVID-19 nos mostra de maneira muito crua é que o capitalismo global, que parece um sistema muito poderoso, baseia-se em grandes camadas de precariedade econômica, social, material, sanitária... É uma precariedade individual e estrutural, porque também afeta o estado em que se encontram os serviços de atenção pública em diferentes países do mundo. É um sistema baseado na atividade e no crescimento, mas quando há uma patologia não consegue deter, nem cuidar das vidas que cotidianamente espolia e explora. Tampouco daquelas que deixou à margem, como as pessoas idosas. Mais que a fragilidade do sistema, o que nos mostra é a desigualdade e a violência social sobre a qual nossa normalidade funciona (GARCÉS, 2020, *online*).

Além desta crise que muito provavelmente nos fará repensar a economia global, o equilíbrio com a natureza, e a responsabilidade de cada país em controlar doenças para que não se espalhem, há outras questões que precisam de análise e mais estudos.

No cenário internacional temos nos deparado com o acentuamento das migrações, como no caso da “diáspora venezuelana” que, buscando melhores condições de vida, fogem da crise política, econômica, social (ou humanitária) que assola o país. Muitos destes indivíduos se encontram em um limbo e, conforme dados da ONU “*Muchos son incapaces de cubrir sus necesidades básicas, están sufriendo falta de vivienda y comida mientras son sometidos cada vez más a la xenofobia en sus países de acogida*” (2020, *online*).

Nesse contexto de incerteza, isolamento social e paralisação das atividades acadêmicas presenciais o Corpo Editorial decidiu organizar o I Ciclo de Palestras da Revista FENERI convocando especialistas de instituições de ensino de todo o Brasil para debater questões contemporâneas relacionadas às nove áreas de submissão de trabalhos do periódico. Tendo em conta o alto nível das discussões feitas ao longo do mês de debate, o Comitê Editorial decidiu por convidar os palestrantes para compor um dossiê especial, comemorativo dos 25 anos da Federação Nacional dos Estudantes de Relações Internacionais, com notas técnicas sobre sua contribuição durante o Ciclo. A iniciativa vai ao encontro do objetivo central de qualquer publicação científica – promover o mais alto nível de difusão do conhecimento.

No nota escrita por Paulo Roberto de Almeida, nos deparamos com o tema central da Amazônia Legal, no que o autor no apresenta as suas interações na política externa mundial ainda durante a era colonial, bem como a sua importância no cenário político e internacional. o autor não deixa de demonstrar preocupação quanto ao rumo político ambiental o país vem tomando desde o início do governo de Jair Bolsonaro. desta forma, a nota ressalta não apenas a importância da discussão sobre políticas ambientais, como os desafios do país que o país vem enfrentando neste assunto, tendo como consequências, o aumento do desmatamento das florestas amazônicas.

Já na nota apresentada por Marianna Albuquerque faz uma síntese histórica da ONU buscando destacar aspectos fundamentais da evolução da organização e os desafios por ela enfrentados. O foco do trabalho foi a atuação da organização em relação à promoção do Direitos Humanos e os mecanismos utilizados ao lidar com o tema.

Nicole Xavier da Cunha Minvielle, estudante da UNIVALI, busca debater o papel do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) nas emergências causadas por deslocamentos forçados. Em sua nota a autora explora as origens da agência no Pós-guerra e a evolução de seu quadro institucional ao longo do século XXI. Por fim a autora analisa a atuação do ACNUR na gestão da entrada de refugiados venezuelanos em diversos países da América Latina, especialmente o Brasil.

Em sua nota Niemeyer Almeida Filho recupera o debate histórico a respeito da inserção do aspecto ambiental na agenda do desenvolvimento econômico no sistema das Nações Unidas. O professor aborda em sua síntese as primeiras conferências internacionais que trataram exclusivamente sobre o tema ambiental e posteriormente sua inserção do tema mais amplo de desenvolvimento. A nota também aborda esforços recentes de implementação da agenda dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) pelo governo brasileiro e os desafios que essa agenda enfrentam na contemporaneidade.

A nota de Camila Feix Vidal retorna às raízes do campo das Relações Internacionais, tradicionalmente datada da fundação de uma cadeira de Política Internacional na Universidade de Gales, e recupera a trajetória histórica do campo. Destaca-se o caráter anglo-saxão e predominantemente masculino que a disciplina assume a partir dessas origens e o desafio do



surgimento de alternativas críticas e feministas às teorias mais "tradicionais" com especial ênfase nos espaços acadêmicos brasileiros.

Ainda tendo como objeto o feminismo e as Relações Internacionais, Thaís Vieira de Paula tem como objetivo em sua nota traçar as origens do feminismo como movimento político e seu impacto nas mais diversas áreas acadêmicas. A autora explora a corrente *mainstream* do feminismo que mantém como objeto central de estudo as questões securitárias, uma herança das concepções teóricas mais tradicionais da área como o neorrealismo e o neoliberalismo. A Teoria Feminista é enxergada como uma quebra de paradigma que busca contrapor-se a essas concepções. A autora também critica a segregação que se sujeita sobre a produção científica que parte de um ponto de vista feminista no Brasil, publicados em sua maioria em revistas especializadas no tema.

Enquanto a maioria das palestras do ciclo e das notas daí resultantes tenham soado particularmente pessimistas - ou realistas frente o contexto complexo enfrentado - um fio de esperança deve ser enxergado no futuro que podemos construir na esteira da crise atualmente vivida. Cabe a nós decidirmos se queremos mais do mesmo ou que o futuro seja *Not The Same Anymore*. Boa leitura!

Os autores agradecem a contribuição do Prof. Marcos Alan S. V. Ferreira.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Réquiem para os estudantes. Instituto Humanas Unisinos. 25 mai. 2020. Tradução: Davi de Conti. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599292-requiem-para-os-estudantes-artigo-de-giorgio-agamben>. Acesso em: 24 jun. 2020.

AGAMBEN, Giorgio. Uma pergunta. Instituto Humanas Unisinos. 18 abr. 2020. Tradução de: Davi de Conti. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598071-uma-pergunta-artigo-de-giorgio-agamben>. Acesso em: 24 jun. 2020.

BLOOM, Madison. The Strokes Debut New Song "Bad Decision" at Bernie Sanders Rally: Watch. Pitchfork. 11 fev. 2020. Disponível em: <https://pitchfork.com/news/the-strokes-announce-new-album-debut-songs-at-bernie-sanders-rally-watch/>. Acesso em: 11 jun. 2020.

CLAIP (Consejo Latinoamericano de Investigación para la Paz). Manifesto por uma Nova Normalidade. 2020. Disponível em: <https://online.fliphtml5.com/goprc/xwel/#p=1>. Acesso em: 1 jun. 2020.

CROCE, Mariano; SALVATORE, Andrea. Normality as social semantics: Schmitt, Bourdieu and the politics of the normal. *European Journal of Social Theory*, v. 20, n. 2, p. 275-291, 25 fev. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1177/1368431016633002>. Acesso em: 23 jun. 2020.

FUKUYAMA, Francis. The End of History? *The National Interest*. Vol. 16, p. 3-18. Summer 1989.

GARCÉS, Marina. O controle social será um dos grandes ganhadores da pandemia. Instituto Humanas Unisinos. 07 abr. 2020. Tradução de: Cepat. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597843-o-controle-social-sera-um-dos-grandes-ganhadores-da-pandemia-entrevista-com-marina-garces>. Acesso em: 24 jun. 2020.

ONU, Notícias. Los refugiados y migrantes venezolanos tienen cada vez más dificultades para sobrevivir en medio de la pandemia. 12 may. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/es/story/2020/05/1474222>. Acesso em 25 jun. 2020.

THE STROKES. *The New Abnormal*. Malibu, Calif.: RCA Records, Cult Records: 2020.

WEIBLE, Christopher M. *et al.* COVID-19 and the policy sciences: initial reactions and perspectives. *Policy Sciences*, v. 53, n. 2, p. 225-241, 18 abr. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1007/s11077-020-09381-4>. Acesso em: 01 jun. 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. Um Golpe como o de “Kill Bill” no Capitalismo. *in* Corona Vírus e a Luta de Classes. Org. Editora Terra sem amos. Brasil. 2020.